



DEUS SEM GÊNERO E A POSSIBILIDADE DE UM DEUS FEMININO

GENDERLESS GOD AND THE POSSIBILITY OF A FEMININE GOD

DOI: 10.5281/zenodo.8190831

Julio Cesar Maia Gomes¹

RESUMO: O conceito de Deus tem sido objeto de contemplação e debate ao longo da história humana. Uma questão relevante é a concepção de Deus como uma entidade sem gênero ou além das noções tradicionais de masculino e feminino. Examinaremos assim, as abordagens teológicas e filosóficas de diversas religiões em relação a essa ideia e investigaremos as possibilidades de uma divindade feminina em rituais e práticas religiosas ao redor do mundo, e os reflexos decorrentes dessas interpretações.

Palavras-chave: Deus. Gênero. Feminino.

ABSTRACT: The concept of God has been the object of contemplation and debate throughout human history. A relevant issue is the conception of God as a genderless entity or beyond traditional notions of masculine and feminine. We will thus examine the theological and philosophical approaches of different religions in relation to this idea and investigate the possibilities of a female deity in rituals and religious practices around the world, and the reflections resulting from these interpretations.

Keywords: God. Gender. Feminine.

1 Advogado, Licenciado em Filosofia, Especialista em Teologia, Psicologia, Filosofia, Sociologia e Educação.



1 INTRODUÇÃO

Antes de abordarmos diretamente o tema principal deste artigo, é importante conceituar Deus. Não obstante, sabemos que em diversas religiões, o sagrado dá-se de forma distinta, e os dogmas de cada religião são praticados de acordo as interpretações dos líderes e de seus adeptos.

Muito provavelmente cada um de nós terá um conceito diferente de Deus, bem como acreditar ou não, ser agnóstico ou politeísta, ou mesmo valer-se de duas ou mais crenças, dentre diversas realidades existentes e possíveis.

O presente trabalho, tem como foco abordar questões diversas acerca da possibilidade de um Deus sem gênero, ou mesmo da possibilidade *Dele* ser Deusa ou a existência de Deuses e Deusas, assim em algumas culturas, sem objetivo de ofender qualquer religião ou pessoa.

O objetivo deste artigo é gerar uma reflexão sobre a imposição predominante da regra padrão e interpretada como tabu em nossa sociedade, sob pena de julgamentos e críticas das mais severas. Entretanto, como seres pensantes, é sabido que, devemos sempre nos questionar, até porque caso realmente a presença de Deus, Deuses, Deusa ou Deusas, for uma realidade, ao seres humanos lhe foi dada a dávida do pensamento, e questionar faz parte de nossa natureza, é assim que evoluímos, nos diferenciando dos demais seres.

O conceito de Deus tem sido explorado e interpretado ao longo da história, muitas vezes com a imposição de uma figura divina masculina. Este artigo examina o conceito de Deus sem gênero, explorando as interpretações dessa ideia em diversas religiões e analisando a possibilidade de existência de um Deus do gênero feminino em rituais e práticas ao redor do mundo.

A partir de uma perspectiva teológica e filosófica, investigamos como diferentes tradições religiosas abordam a questão do gênero divino, destacando a importância do equilíbrio de energias masculinas e femininas nas concepções de Deus. Ademais, examinamos as representações de Deus em rituais e práticas religiosas que podem ser atribuídas a divindades femininas.



Em diversas tradições religiosas ao redor do mundo, encontramos a presença de deuses do gênero feminino. Por exemplo, na mitologia grega, temos deusas como Atena, Afrodite e Deméter, que desempenham papéis centrais na religião e nas narrativas mitológicas. No hinduísmo, deusas como Lakshmi, Saraswati e Kali são adoradas como personificações de diferentes aspectos do divino feminino. No xamanismo, a Mãe Terra é vista como uma deusa que simboliza a fertilidade e a conexão com a natureza.

No budismo, por exemplo, encontramos a figura da deusa Tara, representando a compaixão e a sabedoria feminina (Davidson, 2003). No culto ancestral chinês, há a adoração das Nüwa, deusas criadoras e protetoras da humanidade (Yang, 2005). No candomblé, religião de matriz africana, são reverenciadas diversas orixás, como Iemanjá, Iansã, Oxum e Nanã, que representam diferentes aspectos da divindade feminina, como a fertilidade, a maternidade e a sabedoria ancestral (Abimbola, 2014).

Com base nessas reflexões, exploramos as implicações teológicas, filosóficas e sociais da concepção de um Deus sem gênero e a possibilidade de divindades femininas em algumas religiões, abordando os reflexos da imposição de um Deus do gênero masculino, teve efeitos sociais negativos, resultando no enfraquecimento feminino e em sua submissão ao longo da história.

2 O CONCEITO GERAL DE DEUS

O conceito de Deus é um tema complexo e multifacetado nas diferentes tradições teológicas e nas ciências das religiões. Em sua essência, Deus é frequentemente entendido como um ser supremo, transcendente e eterno que é reverenciado e adorado pelos fiéis.

Na teologia cristã, Deus é concebido como uma entidade pessoal, onipotente, onisciente e benevolente. Ele é descrito como o criador do universo e sustentador de toda a existência, além de ser uma fonte de amor e salvação para os crentes.



Na tradição islâmica, Allah é considerado como o único Deus verdadeiro, cujas características são delineadas no Alcorão. Allah é visto como um ser infinitamente poderoso, misericordioso e justo, além de ser o criador e sustentador de todas as coisas.

No hinduísmo, a compreensão de Deus é vasta e diversa. Existem várias divindades adoradas pelos hindus, como Brahma, Vishnu, Shiva e muitas outras. Cada uma delas representa aspectos diferentes do divino, mas todas são consideradas manifestações do princípio supremo, chamado Brahman.

No budismo, o conceito de Deus varia de acordo com as diferentes escolas e tradições. Geralmente, o budismo enfatiza a busca pela iluminação e libertação do sofrimento, em vez de adoração a um ser supremo. Alguns adeptos veem Buda como um mestre iluminado, enquanto outros não atribuem características divinas a ele.

Outras tradições religiosas também têm suas próprias perspectivas sobre Deus. No judaísmo, Deus é considerado o criador do universo, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. No sikhismo, o conceito de Deus é descrito como Ik Onkar, o único criador e sustentador de tudo.

É importante destacar que essas são apenas algumas das perspectivas sobre o conceito de Deus, e há uma ampla gama de interpretações e crenças dentro de cada tradição religiosa. O estudo acadêmico das religiões busca compreender e analisar essas concepções, levando em consideração os textos sagrados, a tradição oral e a experiência religiosa dos fiéis, a fim de traçar um panorama mais abrangente do conceito de Deus na diversidade religiosa.

3 A IMAGEM E A IDEIA DA REPRESENTAÇÃO DE DEUS COMO “UM SER”

A associação da imagem de Deus ao ser humano ou a atribuição de características humanas a Deus é uma prática que remonta a tempos antigos e tem raízes em várias influências culturais e filosóficas. Existem várias razões pelas quais as religiões desenvolveram esses conceitos.

Uma das razões é a necessidade humana de compreender e se relacionar com o divino. Os seres humanos são seres finitos e limitados, e é natural que tentem dar sentido ao



transcendente por meio de conceitos e experiências que lhes sejam familiares. Ao atribuir características humanas a Deus, como vontade, emoção e poder, as religiões buscam criar uma ponte de compreensão e conexão entre o divino e o humano.

Além disso, a representação antropomórfica de Deus pode ser uma forma de tornar o conceito de Deus mais acessível aos fiéis. Ao imaginar Deus com características humanas, como rosto, mãos ou atributos emocionais, as pessoas podem encontrar uma base para a devoção e a comunicação com o divino. Essa abordagem ajuda a tornar o relacionamento com Deus mais tangível e pessoal.

Outro fator importante é a influência de ideias filosóficas e culturais. Ao longo da história, várias culturas atribuíram características humanas às divindades em suas mitologias e crenças religiosas. Essas representações refletem a visão de mundo e as concepções humanas da época, bem como as narrativas e tradições transmitidas de geração em geração.

Vale ressaltar que nem todas as religiões associam Deus à imagem humana ou utilizam antropomorfismos. Algumas tradições religiosas enfatizam a transcendência de Deus e evitam qualquer forma de representação visual, considerando que Deus está além da compreensão e da forma humana.

Em resumo, a associação da imagem de Deus ao ser humano ou a atribuição de características humanas a Deus surge da necessidade humana de compreender o transcendente e estabelecer uma conexão pessoal com o divino. Esses conceitos foram desenvolvidos ao longo da história das religiões, influenciados por fatores culturais, filosóficos e pela busca de uma relação significativa com o divino.

4 COMO AS RELIGIÕES INTERPRETAM “DEUS EM SI”

Além do conceito teológico, a imagem de Deus e sua representação como um ser também variam de acordo com as interpretações das principais religiões.



Na tradição cristã, embora Deus seja considerado um ser transcendente e invisível, Ele é muitas vezes representado simbolicamente por meio de ícones, pinturas e esculturas. A figura de Deus Pai é frequentemente retratada como um ancião benevolente, enquanto Jesus Cristo é representado como o Filho encarnado de Deus. O Espírito Santo, por sua vez, pode ser simbolizado como uma pomba ou uma chama.

No Islã, a representação visual de Deus é estritamente proibida, de acordo com a interpretação majoritária do Alcorão. Allah é considerado além da compreensão humana e não pode ser representado em forma física. A ênfase está na reverência e adoração a Allah como um ser invisível e transcendente.

No hinduísmo, a representação de Deus é vasta e diversa. As divindades são frequentemente retratadas com várias formas e características, tanto humanas quanto não humanas. Essas representações simbólicas e antropomórficas são usadas para ajudar os adoradores a visualizar e se conectar com a divindade. No entanto, é importante destacar que essas formas são consideradas manifestações do princípio supremo (Brahman) e não a representação definitiva de Deus em sua totalidade.

No budismo, a representação visual de Deus é menos comum. Embora algumas tradições budistas tenham divindades e budas que são retratados em estátuas e pinturas, o foco principal está na busca pela iluminação e na transcendência do mundo material, em vez da adoração de uma divindade antropomórfica.

Em outras tradições religiosas, como o judaísmo e o sikhismo, a representação de Deus também pode variar. No judaísmo, a proibição de fazer imagens de Deus é parte do mandamento de não adorar ídolos. Em vez disso, a ênfase está na adoração e na relação pessoal com Deus por meio do estudo da Torá e da prática dos mandamentos. No sikhismo, Deus é concebido como uma realidade suprema, mas não é representado visualmente. A ênfase está no caminho espiritual e na experiência direta de Deus por meio da meditação e da disciplina.



É importante ressaltar que, embora essas sejam algumas das concepções e representações de Deus nessas religiões, as interpretações e práticas individuais podem variar significativamente dentro de cada tradição.

5 O DEUS DE ESPINOZA

O filósofo Baruch Spinoza, em sua obra "Ética", apresenta uma concepção peculiar de Deus. Segundo Spinoza, Deus é identificado com a natureza ou o universo como um todo. Ele define Deus como a substância única e infinita que compreende tudo o que existe, incluindo todas as coisas naturais e seres humanos. Deus, para Spinoza, não é uma entidade pessoal ou transcendente, mas sim a própria realidade imanente e inerente a todas as coisas.

Essa concepção de Deus na filosofia de Spinoza é chamada de panteísmo, pois identifica Deus com a totalidade do universo e nega a existência de um ser divino separado ou transcendente. Para Spinoza, Deus não possui vontade, emoções ou características antropomórficas. Em vez disso, Deus é a substância infinita que se manifesta na diversidade e na ordem da natureza.

Em relação às religiões, a concepção de Deus de Spinoza vai de encontro às crenças teológicas tradicionais. As religiões, em geral, atribuem características pessoais a Deus, como vontade, propósito e capacidade de intervenção no mundo. O panteísmo de Spinoza nega a noção de um Deus pessoal e transcendente, desafiando as concepções teológicas das religiões monoteístas.

Consequentemente, as religiões tradicionais podem considerar a visão de Spinoza como incompatível com suas doutrinas e dogmas. No entanto, é importante notar que a filosofia de Spinoza influenciou profundamente o pensamento moderno, abrindo caminho para discussões sobre a natureza de Deus, a relação entre religião e filosofia, e a busca por uma compreensão racional do divino.

6 O CONCEITO DE DEUS SEM GÊNERO



6.1 VISÕES TEOLÓGICAS E FILOSÓFICAS

A ideia de Deus além do gênero é explorada sob diversas perspectivas teológicas e filosóficas. Alguns argumentam que Deus transcende as categorias de gênero humano, sendo uma entidade além das dualidades e limitações humanas. Outros sustentam que o conceito de um Deus sem gênero é uma forma de enfatizar a unidade e a igualdade de todas as pessoas perante o divino.

6.2 ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

A concepção de Deus como uma entidade sem gênero tem raízes históricas e culturais em várias tradições religiosas antigas. Culturas como a mesopotâmica e a egípcia possuíam divindades que transcendiam as noções de masculino e feminino, representando o equilíbrio e a complementaridade de energias.

6.3 DIVERSIDADE DE INTERPRETAÇÕES RELIGIOSAS

Diferentes religiões apresentam interpretações diversas em relação ao gênero divino. O judaísmo, o cristianismo e o islamismo, por exemplo, tradicionalmente concebem Deus como masculino, mas há correntes dentro dessas religiões que propõem visões mais inclusivas e simbólicas.

7 REPRESENTAÇÕES DO GÊNERO DE DEUS NAS RELIGIÕES

7.1 INTERPRETAÇÕES EQUIVOCADAS NAS RELIGIÕES ABRAÂMICAS



Nas religiões abraâmicas, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, há uma tendência predominante de interpretar Deus como masculino. No entanto, é importante ressaltar que essa representação é mais uma convenção linguística e cultural do que uma realidade ontológica. A linguagem utilizada para se referir a Deus nessas tradições é frequentemente masculina, mas teólogos contemporâneos e estudiosos argumentam que Deus transcende o gênero humano e não pode ser limitado a categorias binárias.

7.2 RECONHECENDO O ASPECTO NEUTRO E/OU FEMININO DE DEUS NAS RELIGIÕES ABRAÂMICAS

Apesar da predominância de interpretações masculinas de Deus nas religiões abraâmicas, há vozes teológicas e movimentos progressistas que buscam reconhecer e valorizar o aspecto feminino de Deus. Essa perspectiva se baseia em uma leitura mais inclusiva dos textos sagrados e uma análise crítica das construções sociais e culturais que influenciam as interpretações religiosas. Ao ampliar a compreensão de Deus para além do gênero binário, essas abordagens promovem uma visão mais abrangente e equilibrada do divino.

7.3 HINDUÍSMO E A DIVINDADE ARDHANARISHVARA

No hinduísmo, a divindade Ardhanarishvara representa a união divina das energias masculinas e femininas em um único ser. Essa representação simbólica enfatiza a importância do equilíbrio entre os gêneros e a complementaridade de forças.

7.4 TAOÍSMO E A NOÇÃO DE YIN E YANG



No taoísmo, a noção de Yin e Yang descreve as polaridades complementares presentes no universo. Embora não se refira diretamente a Deus, essa ideia ressalta a importância do equilíbrio e da interconexão entre as energias femininas (Yin) e masculinas (Yang).

7.5 NEOPAGANISMO E A CONCEPÇÃO DA GRANDE MÃE

O neopaganismo e suas vertentes valorizam o sagrado feminino, muitas vezes reverenciando uma divindade feminina, como a Grande Mãe, que representa a fertilidade, a criação e o renascimento. Essa concepção busca equilibrar a predominância do sagrado masculino em outras tradições religiosas.

7.6 DIVERSIDADE DE DEUSAS NO CANDOMBLÉ

No candomblé, uma religião afro-brasileira, a orixá feminina Oxum é reverenciada como uma divindade da fertilidade, do amor e da beleza. Essa representação de uma divindade feminina destaca a importância do feminino na espiritualidade e nas práticas religiosas.

Além da orixá feminina Oxum mencionada anteriormente, existem diversas outras deusas que são reverenciadas. Cada orixá tem características e atributos específicos, representando diferentes aspectos da vida e da natureza. Iansã, por exemplo, é associada aos ventos, tempestades e transformação, enquanto Nanã é relacionada à ancestralidade e à sabedoria. Essas divindades femininas desempenham papéis essenciais nas práticas e rituais do candomblé, enfatizando a presença do sagrado feminino e a importância da equidade de gênero dentro dessa tradição religiosa.

7.7 A REINTERPRETAÇÃO DE IMAGENS E SÍMBOLOS RELIGIOSOS



Em diversas tradições religiosas, surgem movimentos de reinterpretação de imagens e símbolos religiosos para incluir representações mais inclusivas de Deus. Isso envolve uma análise crítica das tradições e uma abertura para novas perspectivas teológicas e filosóficas.

8 A POSSIBILIDADE DE UM DEUS DO GÊNERO FEMININO EM RITUAIS E PRÁTICAS

8.1 O PAPEL DA MULHER NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS

A presença de um Deus feminino em rituais e práticas religiosas pode proporcionar um espaço de valorização e empoderamento para as mulheres, que muitas vezes foram marginalizadas em contextos religiosos dominados pelo masculino.

8.2 RECONSTRUÇÃO DA NARRATIVA RELIGIOSA

A possibilidade de um Deus do gênero feminino desafia as estruturas patriarcais e oferece a oportunidade de reconstruir as narrativas religiosas, incluindo perspectivas femininas e equilibrando a representação divina.

8.3 EMPODERAMENTO FEMININO E RECONEXÃO ESPIRITUAL

A presença de uma divindade feminina nos rituais e práticas religiosas pode contribuir para o empoderamento das mulheres, permitindo uma reconexão espiritual e uma expressão mais livre de sua identidade religiosa.

9 IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS, FILOSÓFICAS E SOCIAIS

9.1 TRANSFORMAÇÃO DOS PARADIGMAS RELIGIOSOS



A concepção de um Deus sem gênero e a possibilidade de uma divindade feminina desafiam os paradigmas religiosos estabelecidos, exigindo uma revisão e uma expansão do entendimento tradicional de Deus. Isso pode levar a transformações profundas na teologia e na prática religiosa.

Ao impor um Deus homem nas interpretações religiosas, observa-se também, a instrumentalização do sagrado para servir a interesses políticos. A figura divina masculina também fora muito utilizada para sustentar hierarquias de poder, dentre diversas outras questões, contribuindo assim para legitimar sistemas patriarcais e justificar a opressão e submissão das mulheres.

9.2 IMPACTO NA IGUALDADE DE GÊNERO E NA SOCIEDADE

Ao valorizar o sagrado feminino e promover a igualdade de gênero nas práticas religiosas, pode ter um impacto significativo no papel das mulheres na sociedade. Ao desafiar as estruturas patriarcais presentes em muitas religiões, abre-se espaço para a valorização e o respeito das mulheres em todos os aspectos da vida.

9.3 DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

A introdução de um Deus sem gênero e de uma divindade feminina nas religiões enfrenta desafios e resistências por parte daqueles que se apegam às interpretações tradicionais. Essa resistência pode vir de grupos conservadores e daqueles que veem essa mudança como uma ameaça à sua compreensão estabelecida de Deus.

9.4 ENFRAQUECIMENTO FEMININO E SUBMISSÃO

A imposição de um Deus homem contribuiu para o enfraquecimento do poder e da autonomia feminina ao longo da história. Essa interpretação limitada do divino reforçou



estereótipos de gênero, restringiu o papel das mulheres na sociedade e subjugou sua participação em espaços religiosos e políticos.

9.5 A LUTA CONTRA A MISOGINIA RELIGIOSA

A imposição de um Deus homem e a submissão feminina são manifestações de misoginia religiosa, que perpetuam desigualdades de gênero e limitam o pleno desenvolvimento das mulheres. É necessário desafiar e combater essa misoginia por meio de uma análise crítica das estruturas religiosas e uma busca por mudanças que promovam a igualdade, a inclusão e a dignidade de todas as pessoas.

9.6 A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O diálogo inter-religioso desempenha um papel crucial na promoção de uma compreensão mais ampla e inclusiva do divino. Ao compartilhar perspectivas e experiências religiosas, é possível desafiar as interpretações restritivas e construir pontes para uma maior valorização do sagrado feminino em todas as tradições religiosas.

9.7 DESCONSTRUÇÃO DAS ESTRUTURAS PATRIARCAIS ENRAIZADAS EM DIVERSAS RELIGIÕES

A desconstrução das estruturas patriarcais e padrões estabelecidos, é necessária para promover a igualdade de gênero e valorizar o sagrado feminino nas religiões, ou mesmo a aceitação de um Deus sem gênero. É fato que isso requer uma reflexão crítica sobre as interpretações religiosas que perpetuaram a submissão feminina e de diversos grupos, abrindo-se assim uma novas janelas de abordagens que transcendam os binarismos de gênero.

10 CONCLUSÃO



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Neste artigo, exploramos em profundidade o conceito de Deus sem gênero e examinamos as interpretações religiosas dessa ideia em diferentes tradições espirituais. Além disso, investigamos a possibilidade de um Deus do gênero feminino em rituais e práticas religiosas ao redor do mundo. Ao analisar as representações divinas em várias religiões, constatamos que existem exemplos de divindades femininas que desafiam a visão predominante de Deus como masculino.

Essa perspectiva abre espaço para reflexões teológicas, filosóficas e sociais importantes sobre a igualdade de gênero, a reconstrução da narrativa religiosa e o empoderamento feminino. À medida que a sociedade avança, é crucial continuar explorando e respeitando as diversas concepções de Deus, permitindo que novas perspectivas enriqueçam o diálogo inter-religioso e a compreensão mútua.

Abordou-se ainda, o preceito padronizado para a imposição de um Deus homem, travando-se naquelas religiões a possibilidade de qualquer outro tipo analogia ou de interpretação, meramente por motivações políticas, gerando consequências que resultaram em submissão e enfraquecimento das mulheres.

Tanto a quebra de padrões impostos, quanto a desconstrução das estruturas patriarcais, podem promover a igualdade de gênero, sendo fundamental para a transformação social e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, superando comportamentos e políticas que limitaram e excluíram as mulheres e outros grupos ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abimbola, Wande. **Ifá: An Exposition of Ifá Literary Corpus**. Original Pub., 2014.

Armstrong, Karen. **Uma História de Deus: 4000 anos de busca do judaísmo, do cristianismo e do islã**. Companhia das Letras, 2014.

Bolen, Jean Shinoda. **The Goddesses in Every Woman: Thirteen Powerful Archetypes in Women's Lives**. Harper Perennial, 2004.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Collins, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment.** Routledge, 2009.

Crenshaw, Kimberlé. "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color." **Stanford Law Review**, vol. 43, no. 6, 1991, pp. 1241-1299.

Daly, Mary. **Beyond God the Father: Toward a Philosophy of Women's Liberation.** Beacon Press, 1993.

Davidson, Ronald M. **Indian Esoteric Buddhism: A Social History of the Tantric Movement.** Columbia University Press, 2003.

Davis, Angela. **Women, Race & Class.** Vintage Books, 1983.

Kristeva, Julia. **The Female Genius: Life, Madness, Words.** Columbia University Press, 2002.

Lerner, Gerda. **The Creation of Patriarchy.** Oxford University Press, 1986.

Mernissi, Fatema. **The Veil and the Male Elite: A Feminist Interpretation of Women's Rights in Islam.** Perseus Books, 1991.

Mbiti, John S. **Introduction to African Religion.** Heinemann, 1991.

Moraga, Cherríe and Gloria Anzaldúa. **This Bridge Called My Back: Writings by Radical**

Women of Color. Kitchen Table: Women of Color Press, 1983.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Ruether, Rosemary Radford. **Sexism and God-Talk: Toward a Feminist Theology**. Beacon Press, 1993.

Shiva, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology, and Development**. Zed Books, 1989.

Turner, Patricia, ed. **The Encyclopedia of Goddesses and Heroines**. ABC-CLIO, 2000.

Walker, Barbara G. **The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets**. HarperOne, 1983.

Recebido em: 19/07/2023

Aprovado em: 24/07/2023

Publicado em: 27/07/2023